

ALGUMAS LINHAGENS FAMILIARES ANCESTRAIS DE BERNARDO ÉLIS

SOME ANCESTRAL FAMILY LINES OF BERNARDO ÉLIS

Nilson Gomes Jaime

Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG)
Instituto Cultural e Educacional Bernardo Élis Para os Povos do Cerrado (Icebe).
nilsongjaime@gmail.com

Resumo: Bernardo Élis tinha ciência de sua origem portuguesa, através da família Fleury/Coelho, e bandeirante, por meio de Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo Anhangüera. Entretanto suas linhagens ancestrais se estendem aos tempos do descobrimento do Brasil, através do luso João Ramalho e do Cacique Tibiriçá, maior dos índios Guaianás e protetor dos Jesuítas nos campos de Piratininga, por ocasião da fundação da Vila de São Paulo, em 1554. Neste trabalho são apresentadas quatro linhagens ancestrais de Bernardo Élis, elucidando suas origens portuguesa, hispânica, indígena e mameluca-bandeirante, mistura étnica que forjou a tempera e a fleuma do grande escritor regionalista nascido em Goiás.

Palavras-chave: Bernardo Élis. Genealogia. Fleury Curado. Família.

Abstract: Bernardo Élis was aware of his Portuguese origin, through the Fleury / Coelho family, and a bandeirante, through Bartolomeu Bueno da Silva, the second Anhangüera. However, their ancestral lineages extend to the times of the discovery of Brazil, through the Portuguese João Ramalho and Cacique Tibiriçá, chief of the Guaianás Indians and protector of the Jesuits in the Piratininga fields, on the occasion of the foundation of Vila de São Paulo, in 1554. In this work four ancestral lineages of Bernardo Élis are presented, elucidating their Portuguese, Hispanic, indigenous and mameluca-bandeirante origins, an ethnic mixture that forged the temper and the phlegm of the great regionalist writer born in Goiás.

Keywords: Bernardo Élis. Genealogy. Fleury Curado. Family.

Introdução

Em sua “Ficha autobiográfica” no livro *O Tronco*, Bernardo Élis (1967) descreve suas raízes “Fleury-Curados” (*sic*) como “Uma velha família da classe média urbana: ou são comerciantes ou são funcionários públicos, dando preferência ao derradeiro”. A seguir informa que seus troncos familiares remontam ao “segundo Anhanguera, pois descendem de Inácio Dias Pais, sargento-mor, casado com Joana de Gusmão, segunda filha do Anhanguera”¹.

Bernardo Élis afirmou também, em entrevista a Godinho (1993) [ver entrevista nesta edição da revista], que “desde que se tem notícia de sua árvore genealógica, em 1740, sua família sempre viveu em Goiás, não recebendo nenhum elemento de outro estado”. Suas origens familiares são também relatadas em seu livro autobiográfico *A vida são as sobras* (ÉLIS, 2000).

Um dos ganhadores do primeiro prêmio da Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos em 1944 (criada em 25/03/1943), – pela qual publicou o livro *Ermos e Gerais* (ÉLIS, 1944) que apresentou sua literatura regionalista ao Brasil – Bernardo Élis, na citada “Ficha Autobiográfica”, quis evidenciar suas raízes familiares, demonstrando o que entre seus parentes já era uma tradição: os estudos genealógicos, que decifram sua origem familiar e a de outras².

É possível que o autor de *Veranico de Janeiro* (ÉLIS, 1966) não tivesse conhecimento (ou talvez não se lembrasse) de que suas ligações com os Anhangueras não se limitavam ao fundador de Vila Boa, o segundo *Anhanguera*, mas se estendia a seu pai, *Diabo Velho*, o primeiro *Anhanguera*, vergôntea dos Bueno paulistas, vindos da Espanha, por outra linhagem. E que sua tetravó, Mécia Bueno da Fonseca, nascera em Santana de Parnaíba, berço do bandeirismo paulista, bem como de que dois de seus dodecavós eram João Ramalho e Bartira, genro e filha do Cacique Tibiriçá, respectivamente, ligados aos primórdios da colonização do Brasil, conforme se verá adiante (JAIME, 2016).

Assim, se é verdade que a partir do Século XVIII a família Fleury Curado se notabilizou pela forte endogamia entre seus membros, a ponto de que, como evidenciou Bernardo Élis, sua família “sempre viveu em Goiás, não recebendo nenhum elemento de outro estado”, também é verdade que suas origens são dos indígenas de Tibiriçá e dos bandeirantes paulistas.

¹ Essa descendência de Bernardo Élis de Bartolomeu Bueno da Silva Filho, o segundo Anhanguera, não será demonstrada neste trabalho.

² Dentre os que se dedicaram à ciência genealógica no seio da família Fleury e seus descendentes, encontram-se, dentre outros, Luiz Herculano Fleury Curado, Agnelo Arlington Fleury Curado e sua Esposa Mariana Augusta Curado Fleury (*Nita*), Jarbas Jayme, José Sisenando Jayme, Ramir Curado e o autor deste artigo.

Nasceu Bernardo Élis Fleury de Campos Curado – advogado, professor, poeta, contista e romancista, primeiro goiano a ingressar na Academia Brasileira de Letras, ABL – em Corumbá de Goiás, às margens do rio que nomina a cidade fundada por bandeirantes no século XVIII, em 15 de novembro de 1915, na casa 139 da Rua Nova, hoje Praça Waltemar Telles³. Filho do poeta Erico José Curado, comerciante, e de Marieta Fleury de Campos Curado, costureira e dona de casa, Bernardo e o casal de irmãos, Alberto e Elza, são frutos de um enlace endogâmico entre dois primos, fato recorrente nas famílias Fleury e Curado, conforme já citado. Faleceu Bernardo Élis em 30 de novembro de 1997 (ÉLIS, 2000).

Família Fleury Curado

Pela linhagem Curado, ambos os pais de Bernardo Élis descendem do comendador João José de Campos Curado, filho do meia-pontense, alferes Jerônimo José de Campos (casado com a meia-pontense Bárbara Maria da Silva) e neto do luso Antônio José de Campos (que se casou com a meia-pontense Ana Timótea Curado, filha de José Gomes Curado e Maria Cerqueira de Assunção)⁴.

De acordo com Jayme (1973), o comendador João José de Campos Curado, por sua vez, contraiu núpcias com Ana das Dores Fleury de Campos Curado (*Inhazinha*), filha de João Fleury Coelho (*Fradinho*) e de Rosa Maria de Lima Camargo (*Mãe Grande*). O distinto casal, *Fradinho* e *Mãe Grande*, seria progenitor de diversos literatos (conforme se verá neste trabalho) e de várias personalidades da política goiana, como os presidentes de Goiás, padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, Antônio de Pádua Fleury (participantes da primeira oligarquia da província de Goiás, juntamente com os Jardim), o governador Ronaldo Ramos Caiado e os senadores Luiz Gonzaga Jayme, Emival Ramos Caiado, Leoni Mendonça e Max Lânio Gonzaga Jaime; além de dezenas de deputados federais, estaduais e prefeitos (JAIME, 2016).

Jayme (1973) esclarece que *Inhazinha* era irmã do Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury, alcunhado *O pacificador do Norte* (BORGES, 1983) editor da *Matutina Meiapontense*, primeiro jornal do Centro-Oeste (TELES, 1989), e 5º presidente da Província de Goiás (1837-1839) (FERREIRA, 1980); e de Antônio de Pádua Fleury, 8º presidente dessa Província (1848-1849) (FERREIRA, 1980). Da união de Ana das Dores com o comendador João José, teve início as numerosas famílias Fleury-Curado e Curado-Fleury, com tantas ramificações e destaques nas letras e na cultura goianas.

³ In: CURADO (2017), *Bernardo Élis e o regionalismo modernista*. p. 5.

⁴ In: JAYME (1973) – *Famílias Pirenopolinas*, v. 5, cap. 112, p. 137.

Família Fleury/Coelho

De acordo com Jayme (1990), a família Fleury teve suas origens no Norte de Portugal – aldeia de Coelho, Freguesia de São Pedro do Cête, concelho de Paredes, bispado do Porto, província de Entre Douro e Minho – com Manuel Coelho (Ver Diagrama 1). Embora o viajante francês Auguste de Saint-Hilaire mencione o *Jovem Padre Fleury*⁵, em Meia-Ponte, imputando-lhe a nacionalidade francesa, estudos posteriores mostraram que enganou-se o naturalista gaulês. Não há ligação comprovada entre os Fleury de Goiás e os Fleury da França (JAYME, 1973, p. 251; JAYME, 1990).

Jayme (1990) relata que o primeiro dessa família a emigrar para o Brasil, Luiz Coelho Furtado, nasceu na aldeia de Guedixe, em 1715. Veio para o Brasil e residiu em Vila Boa, Região de Goiás, fixando-se posteriormente em Traíras, nesta Capitania, por volta de 1760, onde se casou com Joana Emília Leite. Naquela Vila, hoje extinta, nasceu João Fleury Coelho, alcunhado *Fradinho* (o primeiro batizado com o nome Fleury, em Goiás), que se casou com Rosa Maria de Lima Camargo (*Mãe Grande*), sendo esses trisavós de Bernardo Élis.

Devido às constantes uniões endogâmicas nessa família, Bernardo Élis descende de quatro dos sete filhos de *Fradinho* e *Mãe Grande*: i) além de sua bisavó *Inhazinha*, o autor de *A Enxada* é vergôntea da irmã desta, a seguir; ii) Maria das Dores Fleury (*Inhá*): por essa linhagem familiar, sua avó Maria Joaquina de Faria Lobo (mãe de Erico Curado) é filha de Bernardo Lobo de Sousa Fleury com Ana Joaquina de Faria Albernaz e neta de José de Melo de Sousa Lobo com a citada *Inhá*, trisavó de Bernardo; iii) Mécia Bueno Fleury, irmã das duas antecedentes, é mãe de Rosa Fleury Alves de Amorim, avó de Maria Catarina Godinho, bisavó de Marieta Fleury Curado, mãe de Bernardo Élis que é, portanto, trineto de Mécia; iv) João Fleury de Camargo, pai de Maria Augusta Gáudie Fleury, avô de João Fleury de Campos Curado Filho, bisavô de Marieta Fleury Curado e, portanto, trisavô de Bernardo Élis (FLEURY CURADO, 1956; JAYME, 1973). Assim, o venerando casal *Fradinho* e *Mãe Grande* é trisavô ou tetravô do autor de *Chegou o Governador*⁶, conforme a conexão genealógica que se escolha.

Tibiriçá, João Ramalho e Anhanguera⁷

Por sua trisavó Rosa Maria de Lima Camargo (*Mãe Grande*) – nascida em Meia Ponte em 1773 – Bernardo Élis é descendente de troncos mineiros e Paulistas (JAYME, 1973), cujas bases se

⁵ In: SAINT-HILAIRE (1975). *Viagem à Província de Goiás*.

⁶ ÉLIS (1998). *Chegou o governador* – Romance.

⁷ A literatura comprobatória dessas ligações ancestrais consta do Diagrama 1, a partir de FLEURY CURADO (1956).

assentam na fundação da Vila de São Paulo de Piratininga (atual cidade de São Paulo), em 1554, e em Tibiriçá (*O vigia da terra*, em Tupi), maioral da aldeia de Inhampambuçu, localizada onde é hoje o Pátio do Colégio, centro da capital paulista (CARVALHO FRANCO, 1953; ZEQUINI, 2004).

De acordo com Jayme (1973) José Cardoso de Camargo, mineiro de Mariana – pai de Rosa Maria de Lima Camargo, *Mãe Grande* –, casou-se em 1768 com Mécia Bueno da Fonseca, viúva do capitão Francisco Xavier de Barros. O casal mudou-se para Meia-Ponte antes de 1773, quando lhes nasceu a filha Rosa Maria, anteriormente citada. José Cardoso de Lima Camargo é heptaneto de João Ramalho, náufrago ou degredado português que recebeu Martim Afonso de Souza em São Vicente, 1532, e o levou até o sogro Tibiriçá, no planalto de Piratininga. João Ramalho vivia em aliança conjugal com Bartira, filha do dito Cacique, protetor de Manoel da Nóbrega e seus confrades jesuítas que fundaram a Vila de São Paulo de Piratininga (ALMEIDA PRADO, 1939; ZEQUINI, 2004).

Mécia Bueno da Fonseca – mãe de Rosa Maria de Lima Camargo, trisavó de Bernardo Élis – por sua vez, era trineta de Bartolomeu Bueno da Silva, o primeiro Anhanguera, por sua filha, Maria Pires Bueno, irmã do segundo Anhanguera e bisavó de Mécia Bueno (JAIME, 2018). Essa linhagem descende do espanhol Francisco Ramires Porro, undecavô (décimo primeiro avô) de Bernardo Élis (Veja Diagrama 1, com bibliografia comprobatória).

De onde a verve literária?

A família Fleury e suas derivações (Fleury Curado, Curado Fleury, Sócrates, Sêneca, Jayme, Mendonça, etc.), possuem entre seus membros dezenas de escritores, poetas e historiadores, bastando citar, dos que já se foram, o próprio Bernardo Élis (1915-1997) e seu pai, Erico José Curado (1880-1961); o Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury (1793-1846), pioneiro da imprensa goiana; Sebastião Fleury Curado (1864-1944); Augusta de Faro Fleury (1867-1929); Renato Sêneca de Sá Fleury (1895-1980); Agnelo Arlington Fleury Curado (1891—1966); Jarbas Jayme (1895-1968); Maria do Rosário – *Rosarita* – Fleury (1913-1993); e Maria José Dupré (Maria José Fleury Monteiro, 1898-1984), renomada escritora paulista, autora de diversos livros, tendo inclusive sua obra-prima *Éramos seis*, transformada em filme e novela; além de dezenas de outros dentre os que já morreram.⁸

⁸ Uma listagem mais minuciosa dos membros da família Fleury Curado que se dedicaram às letras encontra-se em CURADO (2014).

Sendo a família Coelho – tronco da família Fleury do Brasil – formada por camponeses e gente sem estudos da bucólica Portugal⁹, de onde veio a verve literária que abundou em Bernardo Élis? Da vida contemplativa desses ancestrais lusitanos? De seus parentes Camargo de São Paulo, desbravadores do sertão do Brasil¹⁰? Dos Bueno da Espanha, baluartes do bandeirismo brasileiro? Ou dos milenares indígenas Guaianases, de Tibiriçá e Bartira? Tema para promissores estudos genealógicos-literários. A resposta a essa pergunta encontra-se em aberto.

Considerações finais

Bernardo Élis descende de uma das mais tradicionais famílias goianas, que se notabilizou na literatura, no Direito, no magistério, nas artes, na música e na política, além de no “comércio e no serviço público”, conforme reconhecia o escritor. O imortal da ABL se orgulhava de suas origens familiares, sem se aprofundar na polêmica havida entre seus primos e membros do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás, Agnelo Arlington Fleury Curado (sobre a ancestralidade francesa da família Fleury) e Jarbas Jayme (sobre a ancestralidade portuguesa dessa grei, a partir da família Coelho), demanda dirimida por Jayme (1990) em favor do segundo.

A presença de elementos indígenas e mamelucos paulistas na ancestralidade de Bernardo Élis, o coloca com os pés na fundação do Brasil, quando João Ramalho (undecavô do imortal da ABL), acolheu Martim Afonso de Souza e o levou até o planalto de Piratininga onde, anos depois, José de Anchieta e seus jesuítas fundariam a Vila de São Paulo de Piratininga, sob proteção do Cacique Tibiriçá, dodecavô de Bernardo Élis.

Ademais, sua ancestralidade em Bartolomeu Bueno da Silva, os Anhangueras, pai e filho, o torna partícipe da descoberta das minas de Goiás em 1682, pelo Anhanguera pai, e da fundação do Arraial de Santana (depois Vila Boa e cidade de Goiás), em 1726, pelo Anhanguera filho.

A suposta nobreza francesa da família Fleury, afinal desmentida após os trabalhos do professor José Sisenando Jayme (JAYME, 1990), deu lugar a “nobreza de outra monta”: a que advém da diligência no trabalho, da aplicação aos estudos, da idoneidade nos negócios e da dedicação à literatura e às artes, marcas reconhecidas nos membros dessa família.

Embora Bernardo Élis nunca tenha reivindicado tal posição, de descendente da corte do Rei-Sol – antes pelo contrário, apresentava-se sempre como “de uma família de comerciantes e funcionários públicos – as ancestralidades lusa (família Coelho e João Ramalho), hispânica

⁹ In: JAIME (1990). *Origem da Família Fleury*.

¹⁰ CARVALHO FRANCO (1943). *Os Camargos de São Paulo*. 2ª ed. Biblioteca Genealógica Brasileira – v. 6.

(famílias Bueno e Camargo) e indígena (nação Goianá, do Cacique Tibiriçá), deram-lhe a têmpera e a fleuma de um notável escritor, comparável a Guimarães Rosa e outros grandes da literatura brasileira. Não por acaso, Bernardo Élis fez o caminho inverso de seus ancestrais bandeirantes ao transpor o Rio Paranaíba: levar o ouro e o tesouro, qual seja, a sua literatura regionalista e realista, aos grandes centros culturais do Brasil e até do mundo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA PRADO, J. F. de. **Primeiros Povoadores do Brasil (1500-1530)**. 2 Ed. Série 5ª, Vol. 37, Biblioteca pedagógica Brasileira, Brasileira. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939. 309 p.
- BORGES, H. C. **O Pacificador do Norte**. Goiânia: Cerne, 1984. 188 p.
- CARVALHO FRANCO, F. de A. **Os Camargo de São Paulo**. São Paulo: Editora SPES, 1937.
- CARVALHO FRANCO, F. de A. **Dicionário de Bandeirantes e Sertanistas do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII**, São Paulo: Comissão do IV Centenário, 1953.
- CURADO R. **Família Fleury Curado** – um passeio pela história vivida, contada e escrita. Goiânia: Kelps: 2014. 25 p.
- CURADO, R. **Bernardo Élis e o regionalismo modernista**. Anápolis: Moderna, 2017. 80 p.
- ÉLIS, B. **Ermos e Gerais**: contos goianos. Goiânia: Bolsa de Publicações Hugo de Carvalho Ramos, 1944. 172 p.
- ÉLIS, B. **O Tronco** - romance. 2ª edição, refundida. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1967. 256 p.
- ÉLIS, B. **Veranico de Janeiro**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1979. 135 p.
- ÉLIS, B. **Chegou o Governador**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1998. 170 p.
- ÉLIS, B. **A vida são as sobras**. Goiânia: Kelps, 2000. 227 p.
- FLEURY CURADO, A. A. **Fleurys e Curados**. Goiânia: Ed. do Autor, 1956. 191 p.
- GODINHO, I. R. Entrevista. Bernardo Élis: perdi meu tempo escrevendo no Brasil. **Mutirão Cultural**, Goiânia, novembro de 1993, pp. 6-7. Governo de Goiás: Secretaria de Estado da Educação, Cultura e Desporto: Fundação Cultural Pedro Ludovico.
- JAIME, N. **Família Jaime/Jayme**: Genealogia e História. Goiânia: Kelps, 2016. 1.148 p.: il.
- JAIME, N. **Frederico Jayme Filho** – cinquenta anos de vida pública. Goiânia: Antígona, 2018. 660 p. il.
- JAYME, J. **Famílias Pirenopolinas** - Ensaios Genealógicos. Goiânia: Ed. Rio Bonito, 1973. Vol. 5. il.

JAYME, J. S. **Origem da Família Fleury**. Goiânia: Ed. Do Autor, 1990. 264 p. il.

PAES LEME, P. T. de A. **Nobiliarquia Paulistana Histórica e Genealógica**. 3 vol. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo. 1980, 852 p.).

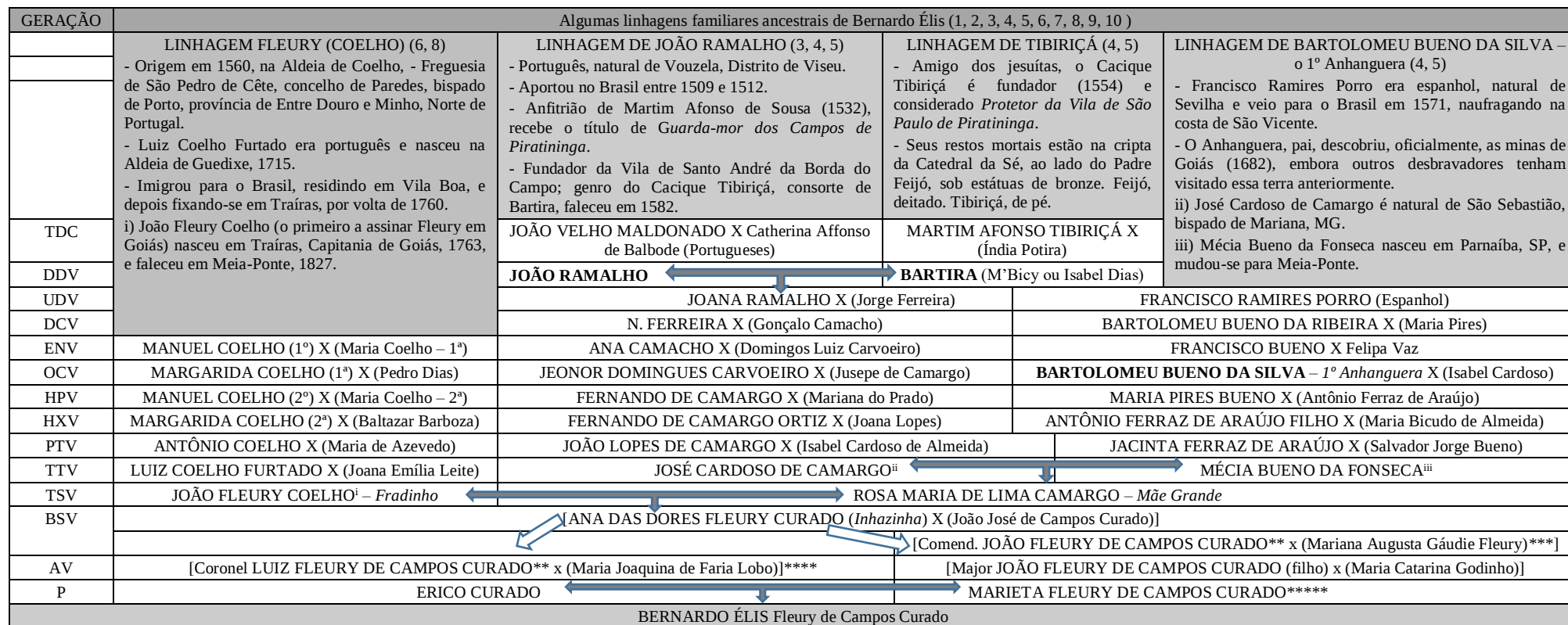
SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem à Província de Goiás**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. 158 p.

SILVA LEME, L. G. da. **Genealogia Paulistana**. v. 1. São Paulo: Duprat & Comp., 1903. 549 p.

TELES, J. M. (Org.). **A imprensa matutina**. Goiânia: Ed. Cerne, 1989.

ZEQUINI, A. A Fundação de São Paulo e os primeiros paulistas: indígenas, europeus e mamelucos. p. 29-53. In: SETÚBAL, Maria Alice (Coord.). **A formação do Estado de São Paulo, seus habitantes e os usos da terra**. Coleção Terra Paulista: história, arte costumes. São Paulo: Cenpec, Imprensa Oficial, 2004. 208 p.

Diagrama 1. Árvore genealógica de Bernardo Élis Fleury de Campos Curado, a partir de quatro linhagens familiares, desde o século XV.



Convenções: (P = pai); (AV = avô); (BSV = bisavô – 2º); (TSV = trisavô – 3º); (TTV = tetravô – 4º); (PTV = pentavô – 5º); (HXV = hexavô – 6º); (HPV = heptavô – 7º); (OCV = octavô – 8º); (ENV = eneavô – 9º); (DCV = decavô – 10º); (UDV = undecavô – 11º); (DDV = dodecavô – 12º); (TDC = tridecavô – 13º). Advertência: devido às sucessivas ligações endogâmicas entre os ancestrais de Bernardo Élis, torna-se difícil inserir todas as linhagens em um mesmo diagrama sem o comprometimento da compreensão. Assim, optou-se por inserir apenas algumas dessas linhagens.

*Os ancestrais e descendentes diretos estão grafados em “caixa alta” (letras maiúsculas).

**O coronel Luiz Fleury de Campos Curado (pai de Erico Curado) e o comendador João Fleury de Campos Curado (avô de Marieta Fleury, sua esposa) eram irmãos.

***Bernardo Élis, em sua *Ficha Biográfica*, publicada em *O Tronco*, refere-se à sua descendência do segundo Anhanguera, informando que os Fleury Curado são originários de Joana de Gusmão, segunda filha do Anhanguera. Essa ancestralidade se deu a partir de sua bisavó materna, Mariana Augusta Gáudie Fleury, fato não informado pelo bardo das letras goianas. Entretanto, sua descendência do primeiro Anhanguera se dá pelo pai e pela mãe, informação talvez desconhecida pelo imortal.

****Bernardo Élis descende ainda de Maria das Dores Fleury (*Inhá*), filha de Rosa Maria de Lima Camargo e João Fleury Coelho e irmãos de sua bisavó Ana das Dores (*Inhazinha*): Sua avó Maria Joaquina de Faria Lobo (mãe de Erico Curado) é filha de Bemardo Lobo de Sousa Fleury com Ana Joaquina de Faria Albernaz e neta de José de Melo de Sousa Lobo com a citada Maria das Dores Fleury (*Inhá*), trisavó de Bernardo por essa linhagem.

*****Há uma quarta ligação ancestral entre Bernardo Élis com o casal *Fradinho* e *Mãe Grande*: o venerando casal é genitor de João Fleury de Camargo, avô de Maria Augusta Gáudie Fleury, bisavô de João Fleury de Campos Curado Filho, trisavô de Marieta Fleury Curado e, portanto, tetravô de Bernardo Élis.

Fontes: 1- SILVA LEME (1903); 2- ALMEIDA PRADO (1939); 3- CARVALHO FRANCO (1937); 4- CARVALHO FRANCO (1953); 5- FLEURY CURADO (1956); 6- JAYME (1973); 7- PAES LEME (1980); 8- JAYME (1990); 9- JAIME (2016); 10 – JAYME (2018).

Os patriarcas no Brasil*



Figura 1. Cacicque Tibiriçá (em tupi, *O vigia da Terra*), maioral dos Guaianás e protetor dos Jesuítas durante a fundação de São Paulo de Piratininga, era tridecavô de Bernardo Élis (Óleo de José Wasth Rodrigues, s.d. in: Zequini, 2004).



Figura 2. João Ramalho, destemido personagem da história paulista e brasileira, foi consorte com Bartira, filha do cacique Tibiriçá. O casal, ancestral de dezenas de bandeirantes eram dodecavós de Bernardo Élis (Óleo de José Wasth Rodrigues, s.d. in: Zequini, 2004).



Figura 3. Na Praça do Bandeirante, centro da capital goiana, escultura de Bartolomeu Bueno da Silva, o *Anhanguera*, primeiro com esse nome, descobridor em 1682, das minas de Goiás, octavô de Bernardo Élis. Na dedicatória, a homenagem dos estudantes da Faculdade de Direito da USP: *Aos goianos, nobre estirpe dos bandeirantes* (Jaime, 2016).



Figura 4. O *Anhanguera*, de Luigi Brizzolara, 1924, escultura em mármore branco, Parque Trianon, na Avenida Paulista, em frente ao Masp; *Acharei o que procuro, ou morrerei na empresa*. Bartolomeu Bueno da Silva, o segundo com esse nome, fundador do Arraial de Santana era ancestral de Bernardo Élis (Jaime, 2016)



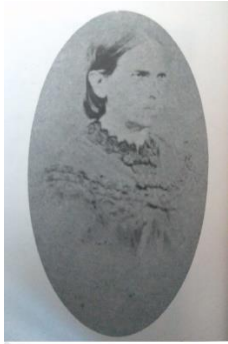
Figura 5. Padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury (1793-1846), membro da Junta Governativa Estadual (1822-1824), 5º presidente da Província de Goiás (1837-1839), e editor da *Matutina Meiapontense* era tio-bisavô de Bernardo Élis (Acervo da Câmara Municipal de Pirenópolis. Jaime, 2018).



Figura 6. Comendador Antônio de Pádua Fleury (1795-1859), presidente da Assembleia Geral Legislativa do Mato Grosso e 8º presidente da Província de Goiás (1848-1849), tio-bisavô de Bernardo Élis (Jayme, 1973).

*Exceto o luso Luiz Coelho Furtado, patriarca da família Fleury no Brasil.

Bisavós paternos e maternos de Bernardo Élis

			
Figura 7. Comendador João José de Campos Curado (1798-1865), bisavô paterno.	Figura 8. Ana das Dores Fleury (<i>Inhazinha</i>) (1813-1877), bisavó paterna.	Figura 9. Comendador João Fleury de Campos Curado (1835-1885), bisavô materno.	Figura 10. Mariana Augusta Gáudie Fleury (1843-1922), bisavó materna.

Fonte: Jayme (1973).

Avós paternos e maternos de Bernardo Élis

			
Figura 11. Coronel Luiz Fleury de Campos Curado (1838-1914), avô paterno.	Figura 12. Maria Joaquina de Faria Lobo (1849-1917), avó paterna.	Figura 13. João Fleury de Campos Curado (1866-s.d.), avô materno.	Figura 14. Maria Catarina Godinho, avó materna.

Fonte: Jayme (1973).

Os pais e Bernardo Élis

		
Figura 15. Escritor, poeta e jornalista, Erico José Curado (1880-1961), introdutor do simbolismo em Goiás, era pai de Bernardo Élis (Jayme, 1973).	Figura 16. Bernardo Élis com sua mãe, Marieta Fleury de Campos Curado (1895-s.d.) e a irmã Hilda (Elza Curado) (Foto: Ramir Curado, 1980).	Figura 17. Bernardo Élis (1915-1997) com seu tradicional fardão da Academia Brasileira de Letras (ABL), onde foi empossado no dia 10/12/1975, na cadeira nº 1. Foi casado em primeiras núpcias com Violeta Metran, com quem teve três filhos. E em segundas núpcias com sua prima Maria Carmelita Fleury Curado, fundadora do ICEBE, com quem viveu até o final de seus dias (Acervo do Icebe).

SOBRE O AUTOR

Nilson Gomes Jaime

Engenheiro Agrônomo, mestre e doutor em agronomia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), é ex-professor desta instituição, historiador, genealogista e escritor, autor de quatro livros e coautor de outros quatro. Participa como membro titular do Instituto Histórico e Geográfico de Goiás (IHGG); da Academia Pirenopolina de Letras, Artes e Música (Aplam); da Academia Goianiense de Letras (AGnL); conselheiro da Associação Goiana de Imprensa (AGI); vice-presidente do Instituto Bernardo Élis para os Povos do Cerrado (Icebe); e presidente da Academia Palmeirense de Letras, Artes, Música e Ciências (Aplamc).

Recebido para publicação em Outubro de 2020

Aprovado para publicação Novembro de 2020